

DISSONÂNCIA, COERÊNCIA E AMBIVALÊNCIA IDEOLÓGICA: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE ANÁLISE POLÍTICA MULTIDIMENSIONAL

DISSONANCE, COHERENCE, AND IDEOLOGICAL AMBIVALENCE: A PEDAGOGICAL
TOOL FOR MULTIDIMENSIONAL POLITICAL ANALYSIS

DISONANCIA, COHERENCIA Y AMBIVALENCIA IDEOLÓGICA: INSTRUMENTO
PEDAGÓGICO DE ANÁLISIS POLÍTICO MULTIDIMENSIONAL

Robson Almeida Borges de Freitas¹
Humbérila da Costa e Silva Melo²
João Lucas de Sousa³

RESUMO: Este artigo apresenta a validação de um sistema *web* multidimensional destinado à análise de coerência, ambivalência e contradições ideológicas. Fundamentado na psicologia social, na teoria da dissonância cognitiva, na tradição da Escola de Michigan, na filosofia política e na sociologia crítica, o *software* organiza atitudes políticas em três eixos: econômico, cultural e institucional. A pesquisa adotou abordagem exploratória e descritiva, com coleta voluntária e anônima entre julho e dezembro de 2025, realizada por divulgação online em redes sociais e exposição em feira de ciências. Foram analisadas 24 questões em escala Likert, respondidas por 66 participantes, totalizando 1.656 respostas válidas. Calcularam-se médias por eixo, indicadores de extremismo, variabilidade e contradições, além de uma métrica de coerência estatística e uma tipologia descritiva de perfis ideológicos. Os resultados indicam concentração da amostra em posições moderadas e associação entre posições extremas, maior variação nas respostas e mais contradições entre temas, especialmente no eixo cultural. Assim, intensidade de posicionamento não garante coerência interna, e moderação não equivale necessariamente à consistência. Parte dos dados sugere escolhas compensatórias, nas quais participantes aceitam tensões de uma posição por atribuírem maior relevância a outros benefícios. Conclui-se que o sistema contribui para investigar tensões internas do pensamento político contemporâneo.

1

Palavras-chave: Coerência ideológica. Dissonância cognitiva. Ambivalência política. Psicologia política. Polarização.

¹Doutor em Ciência da Propriedade Intelectual – Universidade Federal de Sergipe (UFS). Instituto Federal do Piauí - IFPI.

²Mestra em Biotecnologia em Saúde Humana e Animal – Universidade Estadual do Ceará (UECE). Instituto Federal do Piauí - IFPI.

³Graduação em Licenciatura em História – Universidade Estadual do Piauí UESPI.

ABSTRACT: This article presents the validation of a multidimensional web system designed to analyze ideological coherence, ambivalence, and contradictions. Grounded in social psychology, cognitive dissonance theory, the Michigan School tradition, political philosophy, and critical sociology, the software organizes political attitudes into three axes: economic, cultural, and institutional. The study adopted an exploratory and descriptive approach, with voluntary and anonymous data collection between July and December 2025, through online dissemination on social networks and presentation at a science fair. The analysis considered 24 Likert-scale questions answered by 66 participants, totaling 1,656 valid responses. Mean scores by axis, indicators of extremism, variability, and contradictions were calculated, along with a statistical coherence metric and a descriptive typology of ideological profiles. The results indicate concentration in moderate positions and an association between more extreme positions, greater response variation, and more contradictions across themes, especially in the cultural axis. Thus, intensity of positioning does not guarantee internal coherence, and moderation does not necessarily correspond to consistency. Part of the data suggests compensatory choices, in which participants accept tensions in one position because they assign greater relevance to other benefits. The study concludes that the system contributes to investigating internal tensions in contemporary political thought.

Keywords: Ideological coherence. Cognitive dissonance. Political ambivalence. Political psychology. Polarization.

RESUMEN: Este artículo presenta la validación de un sistema web multidimensional destinado al análisis de coherencia, ambivalencia y contradicciones ideológicas. Fundamentado en psicología social, teoría de la disonancia cognitiva, Escuela de Michigan y sociología crítica, el software organiza actitudes políticas en tres ejes: económico, cultural e institucional. La investigación adoptó un enfoque exploratorio y descriptivo, con recolección voluntaria y anónima entre julio y diciembre de 2025, mediante divulgación en redes sociales y exposición en una feria de ciencias. Se analizaron 24 preguntas en escala Likert, respondidas por 66 participantes, totalizando 1.656 respuestas válidas. Se calcularon medias por eje, indicadores de extremismo, variabilidad y contradicciones, además de una métrica de coherencia estadística y una tipología de perfiles ideológicos. Los resultados indican concentración en posiciones moderadas y asociación entre posiciones extremas, mayor variación en las respuestas y más contradicciones entre temas, especialmente en el eje cultural. Así, la intensidad del posicionamiento no garantiza coherencia interna, y la moderación no equivale necesariamente a consistencia. Parte de los datos sugiere elecciones compensatorias, en las que participantes aceptan tensiones de una posición por atribuir mayor relevancia a otros beneficios. Se concluye que el sistema contribuye a investigar tensiones internas del pensamiento político contemporáneo.

Palabras clave: Coherencia ideológica. Disonancia cognitiva. Ambivalencia política. Psicología política. Polarización.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a análise das orientações políticas individuais tem se consolidado como um campo central de investigação nas ciências sociais e políticas, especialmente diante das crescentes polarizações observadas nas sociedades contemporâneas (Haidt, 2012; PEW RESEARCH CENTER, 2021). O debate público atual tem sido marcado não apenas por

divergências ideológicas intensas, mas também por padrões complexos de ambivalência, incoerência e tensão interna nas crenças políticas dos indivíduos e que convergem para o ambiente coletivo.

A compreensão dessas nuances e contradições revela-se essencial para o aprimoramento dos processos democráticos e para a construção de diálogos mais efetivos entre grupos socialmente diversos (Bobbio, 1997; Mouffe, 2007). Contudo, grande parte dos instrumentos tradicionais de pesquisa política, como questionários, escalas de autoposicionamento e entrevistas estruturadas, enfrentam dificuldades decorrentes de vieses cognitivos e sociais, como a desejabilidade social e a dissonância cognitiva (Festinger, 1957; Paulhus, 1984). Tais vieses podem comprometer a fidedignidade dos dados coletados, uma vez que respondentes tendem a modular suas respostas para se alinhar a expectativas normativas percebidas, ocultando assim contradições internas ou posições menos socialmente aceitáveis (Tversky; Kahneman, 1981).

Esse desafio torna-se ainda mais agudo diante da crescente complexidade das identidades políticas contemporâneas, que frequentemente escapam aos tradicionais eixos unidimensionais de esquerda e direita (Bobbio, 1997; Haidt, 2012). Pesquisas recentes indicam que indivíduos podem sustentar simultaneamente crenças aparentemente contraditórias ou híbridas, combinando posições liberais em certos domínios e conservadoras em outros, sem que isso seja capturado adequadamente por instrumentos convencionais (PEW RESEARCH CENTER, 2021).

A polarização política passou a ser tratada como um dos principais desafios às democracias contemporâneas, associada ao enfraquecimento de normas democráticas, ao aumento da hostilidade entre grupos políticos e à erosão da confiança institucional (Carothers; O'Donohue, 2019; McCoy; Somer, 2019). Contudo, esse fenômeno é multifacetado: não se trata apenas de divergência ideológica substantiva, mas também de polarização afetiva, caracterizada por animosidade, desconfiança e desumanização do “outro” político, muitas vezes mais intensa do que as próprias diferenças programáticas (Iyengar et al., 2019; Druckman; Levendusky, 2019). Paralelamente, estudos sobre ambivalência política indicam que uma parcela significativa dos cidadãos não é rigidamente ideologizada, mas carrega avaliações contraditórias, tensões internas e disposições híbridas, um padrão que frequentemente desaparece em diagnósticos sobre sociedades polarizadas (Mutz, 2002; Johnson, 2013).

Nesse contexto, instrumentos e processos capazes de mapear, tornar visíveis e trabalhar produtivamente essas tensões, em vez de pressupor sistemas ideológicos plenamente coerentes, pode contribuir no contexto educacional. A literatura sobre democracia deliberativa sugere que a qualidade do desenho institucional da discussão, heterogeneidade dos participantes, facilitação, informação qualificada e interação face a face, pode reduzir polarização afetiva e promover reflexão crítica, embora resultados variem conforme o contexto e o tipo de polarização analisado (Dryzek et al., 2019; Caluwaerts et al., 2023). Partindo desse diagnóstico, o uso pedagógico da ciência política pode dar conhecimento e crítica às futuras gerações.

Ademais, a expansão das redes sociais digitais e de ambientes informacionais fragmentados tem favorecido a circulação de discursos políticos multifacetados e, por vezes, incoerentes, reforçando a necessidade de instrumentos mais sensíveis a tais dinâmicas (POLITICAL COMPASS FOUNDATION, 2025). Com base nas leituras de Converse (1964; 1969), entende-se que a formação política e social são fatores que contribuem para o avanço da qualidade de vida e ultrapassam gerações, ou seja, a compreensão dos detalhes políticos e sociais que formam o tecido democrático não devem ser algo exclusivo das elites.

Dialogando com Converse (1964; 1969), as nuances de posicionamento ideológico são mutáveis dependendo da provocação, e isso fica mais evidente com o nível de formação dos sujeitos. Acredita-se que é devido na construção de uma sociedade ao menos chances para que os indivíduos possam refletir, de maneira supervisionada, sobre suas crenças e sobre as implicações que elas podem causar em suas vidas.

Diante desse cenário, o objetivo do presente estudo foi validar empiricamente um instrumento pedagógico e multidimensional destinado a avaliar não apenas as orientações políticas explícitas dos indivíduos, mas também suas contradições internas e padrões de coerência ideológica. Diferentemente de questionários tradicionais baseados em autoidentificação ou declarações diretas, o instrumento combina perguntas sensíveis e provocativas com regras formais de detecção de inconsistências, fundamentadas em princípios da psicologia social (Festinger, 1957; Haidt, 2012; Paulhus, 1984) e em referenciais da filosofia política e sociologia crítica (Bobbio, 1997; Gramsci, 1975; Bourdieu, 1989).

O instrumento estrutura-se em três eixos ideológicos principais, econômico, cultural e institucional, operacionalizados por 24 questões distribuídas igualmente entre esses domínios (Freitas et al., 2026). A partir das respostas individuais, são calculadas métricas de posição média por eixo, indicadores de extremismo e variabilidade, bem como um índice de contradições

baseado em pares de itens teoricamente incompatíveis. Complementarmente, foi proposta uma métrica de coerência estatística, sintetizando padrões de estabilidade e consistência das respostas. Nomeou-se a ferramenta de Doutrinômetro⁴ (Freitas et al., 2026), batizado dessa forma para que discussões contemporâneas sejam convertidas em chamariz para algo pedagógico e analítico, não tendo relações de posicionamento implícito na ferramenta e nem no seu nome publicitário.

O presente artigo está estruturado em cinco seções. Após esta introdução, a seção dois apresenta a fundamentação teórica que embasa o Doutrinômetro, articulando contribuições da psicologia social, filosofia política e sociologia crítica. A seção três descreve a metodologia de construção do instrumento, incluindo a elaboração das questões, a operacionalização dos eixos ideológicos e o desenvolvimento do software que implementa o modelo analítico. A seção quatro apresenta e discute os resultados empíricos, detalhando estatísticas descritivas, indicadores de coerência e a tipologia de perfis ideológicos emergente. Por fim, a seção cinco sintetiza as contribuições do estudo, discute suas limitações e propõe direções para pesquisas futuras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5

A tradição inaugurada pela chamada Escola de Michigan, especialmente nos trabalhos de Campbell, Converse, Miller e Stokes, e posteriormente desenvolvida por autores como Kinder e Zaller, demonstrou de forma consistente que a maioria dos indivíduos não organiza suas crenças políticas em sistemas ideológicos plenamente coerentes, estáveis e logicamente estruturados. Ao contrário, o comportamento político de massas caracteriza-se por baixos níveis de sofisticação ideológica, fracas intercorrelações entre atitudes, forte sensibilidade a enquadramentos contextuais e elevada presença de ambivalência e inconsistência (Converse, 1964; 1969; Campbell et al., 1960; Zaller, 1992; Kinder, 1998). Esses achados deslocaram a compreensão da ideologia do plano estritamente doutrinário para uma abordagem cognitiva, psicológica e sociológica, na qual a incoerência deixa de ser tratada como erro ou ruído e passa a ser compreendida como um traço estrutural do pensamento político ordinário.

A noção de coerência utilizada é, portanto, descritiva e relacional, e não normativa, permitindo observar justamente aquilo que a linha de Michigan identificou como constitutivo

⁴ <https://doutrinometro.pythonanywhere.com>

do comportamento político contemporâneo: a coexistência de valores parcialmente incompatíveis, ativados de modo contingente conforme o contexto, o enquadramento e a saliência do tema.

Converse (1964, 1969) demonstrou que, no contexto norte-americano do pós-guerra, a maioria dos cidadãos apresentava baixos níveis de consistência ideológica e instabilidade temporal nas preferências políticas. Estudos subsequentes reforçaram a importância do contexto, do enquadramento e da identidade na formação das respostas políticas (Zaller, 1992; Druckman, 2001; Achen & Bartels, 2016). Essa compreensão fortalece a tentativa de propor novas abordagens que partem da hipótese de que, em contextos caracterizados por elevada polarização simbólica e intensa circulação de discursos políticos digitais, como o Brasil contemporâneo, as tensões internas podem assumir padrões estruturados e recorrentes, passíveis de mensuração sistemática por meio de métricas específicas de variabilidade, extremismo e contradição.

Nesse sentido, busca-se avançar em relação à tradição de Michigan ao propor um instrumento operacionalizável, que permite observar quantitativamente como a ambivalência se distribui entre indivíduos, em vez de apenas descrevê-la em termos qualitativos ou teóricos. Além do que, inserir ferramentas digitais de compreensão e orientação política, fortalece as reflexões individuais e coletivas no cenário tão comum atualmente, a internet.

2.1 PSICOLOGIA SOCIAL E CONTRADIÇÃO IDEOLÓGICA

No âmbito da psicologia social, a teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1957) fornece um quadro explicativo central para compreender as contradições ideológicas manifestadas nos indivíduos. Segundo Festinger, a inconsistência entre crenças e comportamentos gera desconforto psicológico, levando os indivíduos a reduzir essa tensão por meio de racionalizações, reinterpretações ou ajustes seletivos de suas atitudes.

Esse mecanismo ajuda a explicar por que respostas políticas podem parecer contraditórias sem que o indivíduo se perceba como incoerente. O Doutrinômetro foi desenhado para tornar visíveis essas tensões latentes, não para corrigi-las ou puni-las, mas buscar quantificá-las, expor e gerar reflexões e debates. Tais confrontos podem ser, a princípio, incômodos, no entanto, podem induzir o preenchimento de lacunas para que os sujeitos sejam melhores instruídos e melhores formados socialmente.

Adicionalmente, o conceito de desejabilidade social (Paulhus, 1984) evidencia que respondentes tendem a modular suas respostas para alinhar-se a normas socialmente valorizadas, ocultando posições potencialmente estigmatizadas. Tal viés representa um desafio clássico para pesquisas políticas baseadas em questionários modularizados para conforto dos respondentes, principalmente se tratando de públicos com formação intelectual incompleta.

Complementarmente, Tversky e Kahneman (1981) demonstraram que o enquadramento (framing) das perguntas pode alterar significativamente as respostas, mesmo quando o conteúdo substantivo permanece o mesmo. Para tanto, perguntas de caráter prático, aplicado, dilemáticas e provocativas, que ativam considerações latentes e reduzem respostas puramente performativas ou socialmente estratégicas podem contribuir para revelar o posicionamento dos respondentes em temas de interesse social e recorrentes no dia a dia, mesmo que os indivíduos se distanciem da compreensão desses fatores, mas que impactam diretamente nas suas vidas.

2.2 SOCIOLOGIA CRÍTICA, HABITUS E HEGEMONIA

A sociologia crítica, representada por autores como Pierre Bourdieu (1989) e Theodor Adorno (1950), aprofunda a análise das estruturas sociais e culturais que moldam o comportamento político. Bourdieu introduz o conceito de habitus, entendido como um conjunto de disposições internalizadas que orientam práticas, percepções e julgamentos. O habitus opera muitas vezes de maneira pré-reflexiva, fazendo com que indivíduos reproduzam estruturas de poder sem consciência explícita disso. Nesse sentido, as contradições ideológicas não são meramente individuais, mas refletem tensões entre posições sociais, experiências de vida e discursos públicos concorrentes.

Adorno, por sua vez, argumenta que a ideologia pode funcionar como mecanismo de ocultamento da realidade, produzindo formas de falsa consciência que dificultam a percepção crítica das próprias incoerências. O diálogo com essa tradição surge ao criar um espaço de autorreflexão mediada por dados, permitindo que o respondente visualize padrões de tensão que normalmente permanecem implícitos.

Antonio Gramsci (1975), ao desenvolver o conceito de hegemonia cultural, reforça essa perspectiva ao mostrar que o poder político não se exerce apenas pela coerção econômica, mas também pelo consenso simbólico. Essas reflexões devem fazer parte da formação com maior clareza, em linguagem acessível, para que as gerações que possuem afinidade com a internet possam ter acesso. Isso pode ser um antídoto para que os discursos hegemônicos que coexistem

e se chocam dentro de um mesmo indivíduo sejam confrontados e elucidados. Tornando o indivíduo mais consciente de suas próprias crenças, mesmo que em divergência.

2.3 PLURALISMO DE VALORES, POLARIZAÇÃO E HIBRIDISMO IDEOLÓGICO

A distinção entre esquerda e direita, embora tradicionalmente tratada como eixo unidimensional, foi complexificada por autores como Norberto Bobbio (1997), que define essa clivagem a partir da tensão entre igualdade e liberdade. Entretanto, Bobbio reconhece que posições políticas reais raramente se alinham perfeitamente a esse eixo.

John Rawls (2000), ao propor a “justiça como equidade”, enfatiza princípios normativos que frequentemente entram em conflito com preferências políticas concretas dos indivíduos. Já Robert Nozick (2009) prioriza direitos individuais e limites ao Estado, gerando tensões diretas com visões redistributivas. Essa pluralidade de princípios explica por que mesmo cidadãos politicamente engajados podem sustentar posições aparentemente contraditórias.

Chantal Mouffe (2007) sustenta que o conflito é constitutivo da democracia e deve ser canalizado institucionalmente, não eliminado. Essa perspectiva legitima a ideia de que contradições ideológicas não são patologias, mas parte do próprio tecido político moderno. Roger Scruton (2011), ao defender tradição e estabilidade social, contrapõe-se a projetos progressistas que priorizam transformação contínua, reforçando a existência de tensões morais profundas na cultura política contemporânea.

Pesquisas recentes do Pew Research Center (2021) mostram que identidades políticas contemporâneas são frequentemente híbridas, combinando posições liberais em alguns domínios e conservadoras em outros. Plataformas como o Political Compass refletem essa tendência ao adotar modelos multidimensionais de classificação ideológica. No contexto brasileiro, marcado por intensa polarização digital, circulação de desinformação e tribalismo político, indivíduos são expostos simultaneamente a narrativas contraditórias. Isso tende a amplificar ambivalências internas, o que pode ser acalmado com conhecimento.

3. MÉTODOS

Esta pesquisa adota uma abordagem quantitativa. Quanto à natureza dos objetivos, esta pesquisa é exploratória e descritiva, assumindo diferentes níveis de profundidade ao longo de suas etapas analíticas (Gil, 2010). O instrumento é disponibilizado na internet e pode ser facilmente acessado e utilizado para replicação da pesquisa.

Em seu caráter exploratório, o estudo busca familiarizar-se com um fenômeno ainda pouco sistematizado na literatura empírica brasileira, a medição de coerência e contradição ideológica por meio de um instrumento próprio. Em sua dimensão descritiva, a pesquisa visa caracterizar empiricamente padrões de resposta dos participantes, apresentando estatísticas sistemáticas sobre médias dos eixos ideológicos, distribuição de coerência, níveis de variabilidade e frequência de contradições.

Por conseguinte, em caráter interpretativo com base nos dados, a pesquisa examina relações entre variáveis por meio de correlações. Nessa etapa, investiga-se se, e como, indicadores como extremismo, variabilidade e número de contradições se associam entre si e com os eixos ideológicos, sugerindo possíveis mecanismos cognitivos e ideológicos subjacentes, sem, contudo, estabelecer causalidade estrita.

Para tanto, elaborou-se 24 questões divididas em 3 eixos de discussão: Economia (redistribuição, mercado, taxaço, meritocracia, desigualdade e papel do Estado na economia), Cultura (tradição, costumes, liberdades individuais, igualdade formal, papéis sociais e diversidade) e Instituições (autoridade, garantias individuais, polícia, censura, punição e limites ao Estado). As questões foram elaboradas com base nesses temas e suas construções teóricas de como as nações devem gerenciar seu povo, suas riquezas e suas relações. O quadro 1 apresenta o arcabouço literário balizador.

Quadro 1 – Contribuições teóricas fundamentais

Autor	Contribuição Principal
Karl Marx	Crítica ao sistema de classes e alienação social
Antonio Gramsci	Hegemonia cultural e ideologia
Festinger (1957)	Teoria da dissonância cognitiva
Paulhus (1984)	Viés da desejabilidade social
Tversky & Kahneman (1981)	Framing effect e irracionalidade na decisão
Bourdieu (1989)	Habitus, capital simbólico e reprodução ideológica inconsciente
Bobbio (1997)	Critério analítico para distinguir direita e esquerda
Mouffe (2007)	Papel do antagonismo e do dissenso no debate democrático
Haidt (2012)	Moralidade política e raízes psicológicas das ideologias

Fonte: elaboração própria (2026)

As respostas utilizam uma escala Likert de cinco pontos, em que: 1 = rejeição forte; 2 = rejeição moderada; 3 = ambivalência ou posição intermediária; 4 = aceitação moderada; 5 = aceitação forte.

O desenho do questionário fundamenta-se em princípios da psicologia política e da psicologia social, particularmente na teoria da dissonância cognitiva (Festinger, 1957), e nos estudos sobre efeito de enquadramento (framing) (Tversky & Kahneman, 1981). Adicionalmente, o instrumento buscou mitigar o viés de desejabilidade social (Paulhus, 1984). Esses dilemas foram tratados por meio da construção de enunciados dilemáticos e sensíveis, que não apresentam alternativas explicitamente normativas, reduzindo respostas puramente performativas ou socialmente estratégicas. Assim, estimular julgamentos situacionais e não apenas declarações abstratas de posicionamento político.

Do ponto de vista técnico, a plataforma foi desenvolvida em Django (Python) no *backend*, escolhido por sua robustez na gestão de dados, segurança, escalabilidade e integração com bancos relacionais. O *frontend* empregou tecnologias *web* para garantir responsividade, acessibilidade e usabilidade em múltiplos dispositivos (Freitas et al., 2026). A arquitetura segue boas práticas de engenharia de software (Jacobs, 2020; Vincent, 2022), assegurando rastreabilidade dos dados, anonimização dos respondentes e reprodutibilidade analítica.

A coleta de dados ocorreu entre julho e dezembro de 2025, por meio de acesso voluntário à ferramenta digital disponível na internet. A divulgação da plataforma foi realizada de forma não probabilística, por meio de redes sociais de influenciadores digitais e da exposição do projeto em feira de ciências. Não houve convite nominal, seleção prévia ou abordagem individual dos participantes. A participação ocorreu por adesão espontânea, mediante acesso à plataforma, leitura dos termos de uso e concordância com a utilização das respostas anônimas para fins de pesquisa científica.

Considerando que se trata de coleta anônima, voluntária, sem intervenção direta, sem identificação dos participantes e com análise agregada dos dados, a pesquisa foi enquadrada como estudo de opinião pública com participantes não identificados e/ou uso de banco agregado sem possibilidade de identificação individual, conforme a Resolução CNS nº 510/2016.

A ferramenta permite: (1) análise individual de coerência e dissonância; (2) análise coletiva (médias de grupo e distribuição de perfis); (3) geração de Radar Ideológico por eixo; (4) identificação automática de contradições com base em regras pré-definidas; (5) classificação tipológica dos perfis e (6) exportação de dados para análises estatísticas externas (Freitas et al., 2026).

A coerência interna foi operacionalizada como a proporção de respostas não contraditórias em relação ao total de pares de questões previamente mapeados como potencialmente conflitivos. A equação 1 apresenta o cálculo do índice de coerência interna,

$$Coerência = 1 - \frac{n_{contradições}}{n_{possíveis}} (1)$$

Onde:

$n_{contradições}$ = número de pares contraditórios identificados

$n_{possíveis_contradições}$ = total de pares de questões com potencial conflito ideológico.

Esse índice varia de 0 a 1 (ou 0% a 100%), sendo interpretado como: Alta coerência ($\geq 0,80$): perfil relativamente estável; Coerência média (0,60–0,79): identidade híbrida ou ambivalente; Baixa coerência ($< 0,60$): presença relevante de tensões internas.

O Radar Ideológico sintetiza o posicionamento médio do respondente em cada eixo. Para cada dimensão, calcula-se a média das respostas associadas ao respectivo conjunto de questões (equação 2):

$$Eixo = \frac{\sum \text{respostas do eixo}}{n_{\text{questoes do eixo}}} (2)$$

A dissonância foi operacionalizada como a proporção de pares contraditórios em relação ao total de pares avaliados (equação 3):

$$D = \frac{C}{T} (3)$$

Onde: C = número de contradições identificadas; T = total de pares de questões com potencial conflito; $D \in [0,1]$. Valores mais altos indicam maior tensão interna entre crenças políticas.

As alternativas associadas aos valores 1 e 5 representam posições normativas extremadas em polos opostos de cada item, enquanto os valores intermediários permitem gradações de concordância, ambivalência ou contextualização. O quadro 2 apresentado é exemplificativo quanto à estrutura da escala. A relação completa dos itens e alternativas encontra-se nos anexos.

Quadro 2 – Exemplos de alternativas de resposta

Questão	Tema	Alternativas (1 a 5)
Q1	Redistribuição e impostos	1. Jamais aceitaria esse tipo de sacrifício 2. Aceitaria com grande resistência 3. Dependendo do contexto, talvez aceitasse 4. Aceitaria em parte, com reservas 5. Aceitaria plenamente se o benefício coletivo for real

Questão	Tema	Alternativas (1 a 5)
Q7	Ações afirmativas	1. Não aceitaria sob nenhuma hipótese 2. Aceitaria, mas com frustração pessoal 3. Indiferente, se a política for justa 4. Aceitaria parcialmente, em nome da reparação 5. Aceitaria plenamente por convicção de equidade
Q17	Monitoramento e privacidade	1. Vigilância fere direitos básicos 2. Segurança não justifica invasão de privacidade 3. Depende da situação 4. Em alguns casos, é justificável 5. Quem não deve, não teme

Fonte: elaboração própria (2026)

Como pode ser observado no Quadro 3, as 24 questões elaboradas foram alocadas em uma base de dados para servirem de instrumento de mensuração. Abaixo, o Quadro 3 apresenta as questões e suas implicações de tendência nos eixos ideológicos que são amplamente discutidos pela sociedade.

Quadro 3 – Resumo de Tendências balizadoras do questionário

Dimensão	Questões Associadas	Tendência Direita (→) / Esquerda (←)	Contradições / Autores Fundamentais
1. Papel do Estado na Riqueza	Q1, Q2, Q5, Q14, Q20	← Redistribuição e justiça social / → Responsabilidade individual	Marx (1867), Rawls (2000), Sen (2000), Paulhus (1984)
2. Iniciativa Privada e Mercado	Q3, Q4, Q8, Q16	→ Livre mercado / ← Regulação estatal e justiça compensatória	Hayek (2010), Keynes (1936), Bourdieu (1989), Festinger (1957)
3. Liberdade e Igualdade Coletiva	Q6, Q7, Q9, Q10, Q19, Q21	→ Liberdade individual ampla / ← Limitação para equidade coletiva	Berlin (1981), Haidt (2012), Foucault (1975), Mouffe (2007)
4. Representatividade e Equidade	Q11, Q13, Q17, Q23	→ Neutralidade institucional / ← Reconhecimento e diversidade	Crenshaw (1991), Butler (1990), Fraser (1996), Gramsci (1975)
5. Reparo Histórico e Ambiental	Q14, Q15, Q17, Q20	← Equidade intergeracional e ambiental / → Liberdade de consumo e herança histórica	Sen (2000), Bruckner (2011), Bauman (2000), Paulhus (1984)
6. Moralidade e Discurso Público	Q6, Q7, Q11, Q13, Q22, Q24	→ Liberdade plena de expressão / ← Regulação moral e institucional	Mill (1859), Chomsky (1997), Tversky & Kahneman (1981), Foucault (1975)
7. Segurança e Ordem Social	Q12, Q19, Q21, Q24	→ Autoridade estatal como estabilidade / ← Direitos civis como prioridade	Hobbes (1651), Foucault (1975), Popper (1945), Bobbio (1997)
8. Meritocracia e Igualdade Real	Q9, Q10, Q18, Q8	→ Reconhecimento pelo esforço / ← Compensação de desigualdades estruturais	Bourdieu (1989), Sen (2000), Rawls (2000), Paulhus (1984)

Fonte: elaboração própria (2026)

O tratamento dos dados foi realizado em ambiente computacional Python, utilizando as bibliotecas pandas, numpy e matplotlib, além de pacotes estatísticos específicos para análise

multivariada. A estratégia analítica estruturou-se em três níveis complementares: No primeiro nível, foram calculadas médias individuais por eixo ideológico. Esse procedimento utilizou a média aritmética simples das questões pertencentes a cada dimensão, permitindo representar o posicionamento de cada participante em um espaço contínuo de 1 a 5 sem impor categorias prévias ou rótulos ideológicos rígidos.

No segundo nível, foram construídos indicadores quantitativos de coerência e inconsistência interna. O extremismo médio foi operacionalizado como o desvio absoluto das respostas em relação ao ponto neutro da escala (valor 3), assumindo que posições mais distantes do centro indicam maior intensidade normativa. A variabilidade intraindividual foi estimada pelo desvio-padrão das 24 respostas de cada participante, funcionando como um indicador de ambivalência ou heterogeneidade interna.

No terceiro nível, realizou-se uma análise relacional entre os indicadores por meio de correlações de Pearson, com o objetivo de verificar padrões sistemáticos de associação entre posicionamento ideológico, extremismo, variabilidade e contradições. A partir dessas mesmas métricas, foi elaborada uma tipologia descritiva de perfis ideológicos, utilizando pontos de corte baseados nas medianas amostrais de variabilidade, extremismo e contradições. Essa tipologia tem caráter analítico e exploratório, não normativo, servindo para sintetizar diferentes padrões de organização das respostas.

13

Complementarmente, a coerência individual foi tratada como uma variável contínua e sua distribuição foi examinada em faixas percentuais, enquanto o número de contradições foi analisado por categorias de frequência, permitindo caracterizar a prevalência de inconsistências explícitas na amostra.

Como procedimento complementar de avaliação estrutural do instrumento, realizou-se uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de verificar a adequação da matriz de correlações e explorar padrões latentes entre as questões, sem pressupor a existência de dimensões psicológicas independentes. A adequação dos dados foi avaliada por meio do teste de esfericidade de Bartlett e pelo índice Kaiser-Meyer-Olkin (KMO).

A AFE foi utilizada com finalidade diagnóstica e exploratória, permitindo avaliar o grau de estruturação latente do conjunto de itens, sem expectativa de extração de fatores ortogonais ou correspondentes diretamente aos eixos analíticos definidos teoricamente, uma vez que o instrumento foi concebido prioritariamente para a identificação de padrões de coerência,

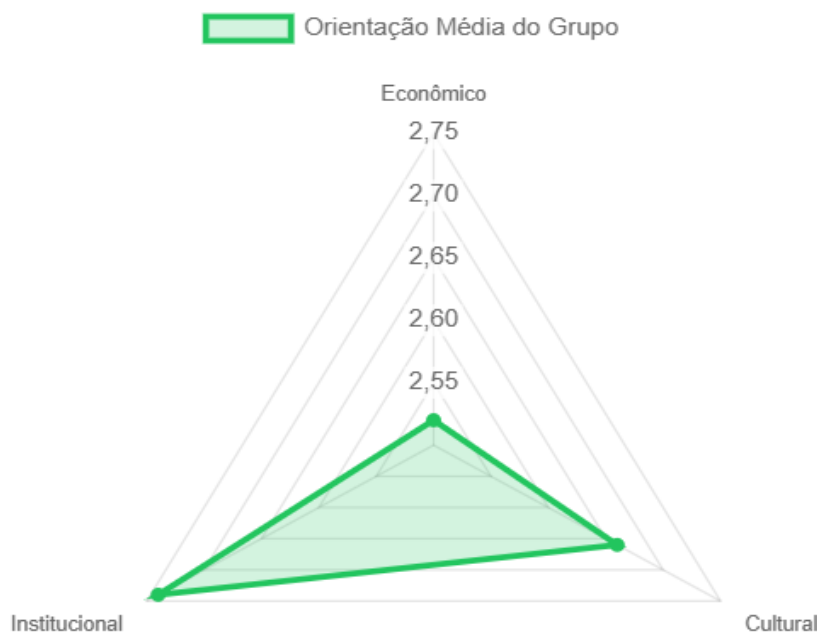
variabilidade e contradição ideológica, e não para a mensuração de construtos atitudinais homogêneos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos se baseiam em 1.656 respostas provenientes de 66 participantes, em que todos os respondentes completaram integralmente as 24 questões do instrumento. Os dados indicam que as orientações ideológicas dos participantes tendem a se concentrar em torno do ponto médio da escala, sem polarização agregada acentuada.

Isso sugere que, no conjunto da amostra, as posições não se distribuem em extremos rígidos, mas em um intervalo moderado de variação. Tal padrão é consistente entre os três eixos, ainda que o eixo institucional apresente ligeiro deslocamento para valores mais elevados em média (Figura 1).

Figura 1 – Gráfico retirado do Doutrinômetro



Fonte: elaboração própria (2026)

A Tabela 1 sintetiza as estatísticas descritivas dos três eixos ideológicos. O eixo econômico apresentou média de 2,52 (DP = 0,62), com distribuição concentrada entre 2,25 e 3,00 e valores extremos entre 1,00 e 3,75. O eixo cultural registrou média de 2,68 (DP = 0,52), também centrada em torno do ponto médio da escala, com intervalo interquartil entre 2,38 e 3,00. Já o eixo institucional apresentou média ligeiramente superior (2,75; DP = 0,61), variando de 1,00

a 4,38. Em conjunto, os três eixos exibem padrões semelhantes de dispersão, sugerindo heterogeneidade moderada nas posições individuais sem evidências de polarização extrema agregada.

Tabela 1 — Estatísticas descritivas dos eixos ideológicos

Eixo	Média	DP	Mín.	25%	Mediana	75%	Máx.
Econômico	2,52	0,62	1,00	2,25	2,50	3,00	3,75
Cultural	2,68	0,52	1,13	2,38	2,63	3,00	3,75
Institucional	2,75	0,61	1,00	2,38	2,75	3,13	4,38

Fonte: elaboração própria (2026)

Com base nos achados apresentados na Figura 1 e na Tabela 1, observa-se que a amostra apresenta uma tendência de posicionamento ideológico próximo ao centro. Esse resultado merece destaque porque contrasta com a leitura recorrente das eleições presidenciais brasileiras de 2022 como um episódio de forte polarização política nacional, especialmente em torno da disputa entre os dois principais candidatos (Tanscheit; Barbosa, 2023).

No entanto, os dados aqui analisados sugerem que a polarização observada no cenário eleitoral não se traduz, necessariamente, em posições extremadas quando os indivíduos respondem a questões concretas de opinião política. Essa interpretação dialoga com evidências de que parte significativa do eleitorado brasileiro tende a assumir posições mais moderadas ou centristas em temas específicos, ainda que esteja inserida em um ambiente público marcado por forte antagonismo político (DATASENADO, 2024).

A Tabela 2 apresenta os indicadores de coerência e inconsistência intraindividual. O extremismo médio, definido como o afastamento absoluto das respostas em relação ao ponto central da escala, foi de 1,084 (DP = 0,316), indicando que, em média, os respondentes se situaram entre posições moderadas e moderadamente intensas. A variabilidade das respostas (desvio-padrão intraindividual) alcançou média de 1,211 (DP = 0,279), refletindo grau não desprezível de oscilação entre itens. O número médio de contradições identificadas foi 0,848 (DP = 0,980), com metade dos participantes apresentando zero ou uma contradição e valores máximos chegando a cinco, o que indica distribuição assimétrica concentrada em baixos níveis de conflito explícito entre pares de questões.

Tabela 2 — Indicadores de coerência/inconsistência

Indicador	Média	DP	Mín.	25%	Mediana	75%	Máx.
Extremismo médio	1,084	0,316	0,083	0,875	1,042	1,250	1,875
Variabilidade (inconsistência)	1,211	0,279	0,282	1,047	1,211	1,370	1,786
Nº de contradições	0,848	0,980	0,000	0,000	1,000	1,000	5,000

Fonte: elaboração própria (2026)

A comparação entre extremismo e variabilidade revela que indivíduos com respostas mais afastadas do centro tendem a apresentar maior dispersão entre itens, o que indica que posturas mais intensas não necessariamente implicam maior consistência interna. Esse achado reforça a premissa de que intensidade ideológica e coerência não são equivalentes: sujeitos podem ser firmes em algumas posições e ambivalentes em outras (Tabela 3).

Tabela 3 — Coerência estatística

Estatística	Valor
Média	0,576
DP	0,158
Mín.	0,012
25%	0,487
Mediana	0,608
75%	0,685
Máx.	0,921

Fonte: elaboração própria (2026)

A distribuição do número de contradições mostra que a maioria dos respondentes apresenta poucas inconsistências explícitas entre pares de questões, mas uma parcela não desprezível exibe dois ou mais conflitos ideológicos. Isso expõe que a incoerência não é generalizada, mas tampouco residual, configurando um padrão intermediário de tensões internas.

Quando considerados em conjunto, os indicadores de extremismo, variabilidade e contradições apontam para um cenário em que a maioria dos participantes mantém posições relativamente moderadas, porém com níveis relevantes de oscilação e pontos localizados de conflito entre crenças. Esse perfil é compatível com a ideia de que atitudes políticas operam mais como conjuntos parcialmente articulados de disposições do que como sistemas ideológicos totalmente integrados (Tabela 4).

Tabela 4 — Relações entre extremismo, variabilidade e contradições (r)

	Econ	Cult	Inst	Extremismo	Variabilidade	Contradições
Econômico	1,00	0,37	0,30	-0,45	0,00	0,16
Cultural	0,37	1,00	0,31	-0,10	0,46	0,38
Institucional	0,30	0,31	1,00	-0,28	0,27	0,06
Extremismo	-0,45	-0,10	-0,28	1,00	0,56	0,41
Variabilidade	0,00	0,46	0,27	0,56	1,00	0,61
Contradições	0,16	0,38	0,06	0,41	0,61	1,00

Fonte: elaboração própria (2026)

A matriz de correlação de Pearson revela padrões sistemáticos entre os indicadores de posicionamento ideológico e os índices de consistência interna, permitindo uma leitura integrada do comportamento das respostas.

O extremismo apresentou associação positiva moderada tanto com a variabilidade das respostas ($r = 0,56$) quanto com o número de contradições identificadas ($r = 0,41$). Esses valores indicam que participantes com posições mais afastadas do ponto médio da escala tendem, em média, a exibir maior dispersão entre itens e maior incidência de conflitos ideológicos explícitos. Tal achado sugere que intensidade posicional não se traduz necessariamente em maior coerência interna, reforçando a distinção entre convicção e consistência.

A variabilidade das respostas mostrou forte correlação com o número de contradições ($r = 0,61$), indicando que indivíduos com maior oscilação entre itens também tendem a acumular mais pares contraditórios. Esse padrão sustenta a interpretação de que a variabilidade funciona como um indicador geral de inconsistência, enquanto as contradições representam manifestações pontuais dessa mesma dinâmica em pares específicos de questões.

Entre os eixos ideológicos, o eixo cultural foi o que apresentou relação mais consistente com a variabilidade ($r = 0,46$) e com as contradições ($r = 0,38$). Isso sugere que as maiores tensões internas tendem a emergir em temas de valores morais, costumes e liberdades individuais, possivelmente refletindo a natureza mais normativamente carregada desse domínio em comparação com os eixos econômico e institucional.

O eixo econômico mostrou correlação negativa moderada com o extremismo ($r = -0,45$), indicando que posições mais igualitárias tendem a estar associadas a menor intensidade extrema das respostas, enquanto posições mais pró-mercado aparecem, em média, acompanhadas de maior extremismo. Já o eixo institucional apresentou correlações mais fracas com extremismo e contradições, sugerindo que atitudes sobre Estado, autoridade e controle social tendem a ser menos determinantes para a incoerência geral do que as posições culturais.

No conjunto, as correlações sustentam três inferências principais: (1) Extremismo e incoerência caminham juntos, mas não são equivalentes; (2) Variabilidade é o melhor preditor de contradições; (3) O eixo cultural concentra as maiores tensões internas entre os participantes.

Consideradas em conjunto, as correlações da Tabela 5 sugerem algo menos técnico e mais revelador sobre como as pessoas pensam politicamente: quanto mais intenso é o posicionamento de um indivíduo, mais provável é que ele carregue tensões internas não resolvidas. Isso indica

que o extremismo não é sinônimo de clareza ou coerência, muitas vezes ele convive com dúvidas, oscilações e contradições que permanecem latentes.

Tabela 5 — Interpretação substantiva

Relação testada	Resultado	Interpretação revisada
Extremismo × Variabilidade	$r = 0,56$	Há associação positiva moderada: participantes mais extremos tendem a apresentar maior variabilidade nas respostas.
Extremismo × Contradições	$r = 0,41$	Relação positiva moderada: maiores níveis de extremismo tendem a coexistir com mais contradições.
Cultural × Variabilidade	$r = 0,46$	Associação moderada sugere que tensões são mais pronunciadas no eixo cultural.
Variabilidade × Contradições	$r = 0,61$	Forte associação positiva indica que maior inconsistência nas respostas acompanha maior número de contradições.
Econômico × Extremismo	$r = -0,45$	Correlação negativa moderada: posições mais igualitárias tendem a estar associadas a menor extremismo.

Fonte: elaboração própria (2026)

Essas tensões aparecem com maior força no eixo cultural, o que faz sentido num contexto em que debates sobre costumes, identidade e moral mobilizam emoções, pertencimentos e experiências pessoais profundas. Nesses temas, as pessoas não respondem apenas com argumentos racionais, mas também com sentimentos, lealdades e memórias sociais. Já nos eixos econômico e institucional, as respostas parecem menos carregadas emocionalmente e mais ancoradas em visões práticas sobre Estado, mercado e autoridade, o que ajuda a explicar por que produzem menos conflitos internos.

A distribuição da coerência entre respondentes (Tabela 6) complementa esse diagnóstico: 86,3% dos participantes situaram-se entre 71% e 100% de coerência, enquanto 13,6% ficaram entre 51% e 70% e nenhum caso apareceu abaixo de 50%. Esse padrão revela que a maioria apresenta coerência relativamente alta, porém com variações relevantes, o que é compatível com a ideia de que a incoerência não é caótica nem aleatória, mas localizada e estruturada. Assim, os dados indicam um cenário em que predominam sujeitos moderadamente coerentes, coexistindo com minorias ambivalentes ou mais tensionadas, em vez de um eleitorado totalmente desarticulado ou plenamente consistente.

Tabela 6 — Distribuição da coerência entre respondentes

Faixa de coerência	Nº de respondentes	% da amostra
0-30%	0	0%
31-50%	0	0%
51-70%	9	13,6%
71-90%	34	51,5%
91-100%	23	34,8%
Total	66	100%

Fonte: elaboração própria (2026)

A distribuição do número de contradições ideológicas (Tabela 7) indica que a maioria dos participantes apresenta baixa incidência de conflitos explícitos entre pares de questões: 78,7% dos respondentes registraram zero ou apenas uma contradição, sugerindo um padrão geral de alinhamento local entre respostas semanticamente relacionadas. Por outro lado, apenas 4,5% dos indivíduos exibiram três ou mais contradições, o que mostra que inconsistências severas são raras na amostra. Esse padrão é coerente com a distribuição geral de coerência (Tabela 6), na qual mais de 86% dos participantes situam-se acima de 70% de coerência estatística, indicando que a presença de contradições tende a ser pontual e concentrada em casos específicos, e não um traço dominante do conjunto dos respondentes.

Tabela 7 — Distribuição de contradições ideológicas

Nº de contradições	Nº de participantes	% da amostra
0	29	43,9
1	23	34,8
2	11	16,7
3 ou mais	3	4,5
Total	66	100,0

Fonte: elaboração própria (2026)

A tipologia de perfis ideológicos (Tabela 8) sintetiza, de forma analítica e descritiva, os padrões observados anteriormente nos indicadores de variabilidade, extremismo e contradições. Trata-se de uma classificação heurística, construída a partir de pontos de corte baseados em medianas amostrais, e não normativa: os tipos não representam níveis de “qualidade”, racionalidade ou maturidade política, mas formas recorrentes de organização das respostas dentro do espaço de tensões mapeado pelo instrumento. A tipologia condensa, portanto, três dimensões empíricas já discutidas, estabilidade das respostas, intensidade posicional e incidência de contradições, em perfis interpretativos mais inteligíveis.

Tabela 8 — Tipologia de perfis ideológicos

Tipo de perfil	% da amostra	Interpretação sintética
Coerente moderado	40,9%	Respostas estáveis, poucas contradições, posições não extremas
Ambivalente	30,3%	Poucas contradições explícitas, mas alta variabilidade interna
Contraditório	21,2%	Presença significativa de contradições ideológicas
Coerente extremado	7,6%	Respostas estáveis, poucas contradições, posições mais extremas
Total	100%	—

Fonte: elaboração própria (2026)

O perfil Coerente moderado (40,9%), majoritário, caracteriza indivíduos com baixa variabilidade e poucas contradições, mas sem posições extremas, sugerindo alinhamento interno relativamente estável combinado a cautela normativa. O tipo Ambivalente (30,3%) apresenta poucas contradições explícitas, porém elevada variabilidade entre itens, indicando tensões difusas e dependência do enquadramento das questões.

O grupo Contraditório (21,2%) concentra participantes com número acima da mediana de pares contraditórios, evidenciando conflitos mais estruturais entre crenças. Por fim, o perfil Coerente extremado (7,6%) reúne indivíduos internamente consistentes, porém com respostas afastadas do ponto médio, revelando alta intensidade ideológica sem ambivalência significativa. Em conjunto, a tipologia traduz, em categorias substantivas, o achado central do estudo: coerência e extremismo são dimensões distintas e combináveis de diferentes maneiras.

Os resultados empíricos dialogam de maneira direta com a tradição inaugurada pela escola de Michigan, especialmente os trabalhos de Converse (1964; 1969). A distribuição observada, com maioria de participantes apresentando poucas contradições explícitas, mas níveis relevantes de variabilidade interna e uma parcela expressiva classificada como ambivalente ou contraditória, reforça a ideia de que a coerência ideológica não é o estado típico do eleitorado comum (Converse, 1964). Em vez de sistemas doutrinários plenamente integrados, o que emerge são conjuntos parcialmente articulados de disposições, sensíveis ao contexto e ao enquadramento dos estímulos (Zaller, 1992).

A tipologia construída (Tabela 8) evidencia justamente essa heterogeneidade estrutural: coexistem sujeitos relativamente estáveis e moderados, indivíduos internamente tensionados e perfis altamente consistentes, porém extremados, combinação que desafia modelos simplistas de racionalidade ideológica linear (Achen; Bartels, 2016).

À luz de Festinger (1957), a associação positiva entre extremismo, variabilidade e número de contradições sugere que a dissonância cognitiva não se resolve necessariamente pela eliminação do conflito, mas pode ser administrada por meio de oscilações entre posições e racionalizações situacionais. O fato de que indivíduos mais extremos tendem a ser, em média, mais variáveis e mais contraditórios indica que intensidade posicional pode conviver com tensão interna persistente, em vez de produzir alinhamento perfeito entre crenças. Complementarmente, a correlação mais forte entre variabilidade e contradições ($r = 0,61$) sustenta a leitura de que a inconsistência não é apenas pontual, mas sistêmica, atravessando múltiplos itens do instrumento, o que é coerente com achados clássicos da psicologia social sobre ambivalência atitudinal (Festinger, 1957; Haidt, 2012).

Os dados também convergem com Haidt (2012) e Mouffe (2007) ao mostrar que grande parte das tensões localiza-se no eixo cultural, onde valores morais e identitários são mais emocionalmente carregados e agonisticamente disputados. A presença expressiva de perfis ambivalentes e contraditórios indica que o conflito interno não é anomalia, mas traço constitutivo do pensamento político contemporâneo, atravessado por intuições morais concorrentes e por campos de disputa simbólica (Haidt, 2012; Mouffe, 2007). Assim, os dados sustentam empiricamente a tese de que coerência plena é exceção moderada, e não regra: o que predomina é um espaço de tensões negociadas, em que estabilidade, ambivalência e contradição coexistem como formas legítimas de organização das crenças políticas (Converse, 1964; Zaller, 1992).

21

As descobertas deste estudo possuem implicações para o debate contemporâneo sobre polarização, ambivalência e formação política. O predomínio de um perfil médio relativamente centrista, sugere que grande parte dos indivíduos não se organiza em blocos ideológicos rígidos, mas transita por zonas intermediárias marcadas por tensões morais, cognitivas e contextuais. Esse padrão dialoga com evidências recentes de que a relação entre ideologia e ambivalência é curvilínea, com menores níveis de ambivalência nos extremos e maior ambivalência em posições intermediárias (BURGER, 2024), o que ajuda a interpretar as motivações das eleições no Brasil terem pesos diferentes dependendo do cargo pleiteado, ou seja, existem valores intrínsecos nos indivíduos que refletem no voto essas ambivalências.

Ao mesmo tempo, os resultados indicam que extremismo e inconsistência podem coexistir, reforçando estudos que mostram que processos de identidade social e engajamento político podem intensificar posturas extremas sem necessariamente produzir maior coerência

interna (Le; Brown; Hohman, 2022). Isso mostra que a radicalização não é apenas um fenômeno de convicção racional, mas também de pertencimento identitário e ativação emocional.

Nesse contexto, o Doutrinômetro oferece uma contribuição distinta: ao tornar visíveis contradições e ambivalências, ele cria condições para uma pedagogia política reflexiva, na qual o reconhecimento das próprias tensões internas pode ser o primeiro passo para uma formação cidadã mais crítica e consciente. Em vez de promover alinhamento doutrinário, o instrumento estimula o confronto produtivo com dilemas morais, aproximando-se de perspectivas que veem o conflito e a pluralidade como constitutivos da vida democrática (Mouffe, 2007).

A ênfase na educação como caminho privilegiado decorre justamente desse diagnóstico. Se grande parte dos indivíduos ocupa posições intermediárias e atravessadas por ambivalências, políticas meramente punitivas ou comunicativas baseadas em polarização tendem a reforçar divisões sem resolver tensões subjacentes. Por outro lado, abordagens educativas que promovam literacia política, compreensão de enquadramentos, consciência de vieses cognitivos e diálogo estruturado podem contribuir para reduzir contradições não refletidas, ampliar repertórios argumentativos e fortalecer a capacidade deliberativa dos cidadãos.

Adicionalmente, a literatura recente sobre bases psicológicas do conflito esquerda-direita sugere que disputas ideológicas envolvem diferenças profundas de valores, como humanismo versus normativismo (Nilsson; Jost, 2023), o que reforça a necessidade de estratégias formativas que não apenas transmitam conteúdo político, mas também promovam empatia cognitiva e compreensão das premissas morais do outro.

Em diálogo com estudos recentes sobre polarização afetiva e fragmentação informacional (Mason, 2018; Allcott; Gentzkow, 2017; Vosoughi; Roy; Aral, 2018), o perfil predominantemente centrista encontrado nesta amostra indica que a percepção social de sociedades radicalmente polarizadas pode coexistir com uma realidade individual mais ambivalente e moderada.

Isso reforça a distinção proposta por Mason (2018) entre polarização identitária e polarização atitudinal: mesmo em contextos de forte conflito simbólico, muitos indivíduos mantêm posições intermediárias, porém tensionadas por contradições internas e influências contextuais. O que nos induz a pensar, as eleições podem ser decididas por correntes de pensamento e por argumentos emocionais, pois existe uma parcela de eleitores que podem trafegar por diferentes correntes ideológicas (Autor/a, ano).

Nesse sentido, as contradições identificadas pelo Doutrinômetro não devem ser interpretadas como irracionalidade ou erro cognitivo, mas como expressão de um ambiente político complexo, no qual sujeitos são expostos simultaneamente a narrativas concorrentes, enquadramentos emocionais e pressões sociais contraditórias (Zaller, 1992; Haidt, 2012).

Por fim, é importante frisar que os resultados aqui apresentados dizem respeito à amostra analisada e ao contexto específico de aplicação do instrumento. Outras populações, formatos de questionário ou ambientes informacionais podem produzir padrões distintos de coerência, ambivalência e extremismo. Ainda assim, os achados indicam que ferramentas como o Doutrinômetro podem auxiliar tanto na pesquisa científica quanto em práticas educativas, contribuindo para uma cultura política menos reativa, mais reflexiva e orientada ao aprendizado contínuo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O instrumento proposto neste trabalho parte explicitamente do diagnóstico de que a coerência ideológica plena não é o estado típico do pensamento político ordinário e se ancora nessa tradição, ao invés de pressupor a existência de sistemas doutrinários internamente coerentes na população geral. O Doutrinômetro não busca revelar uma suposta “ideologia verdadeira” subjacente aos indivíduos, mas sim operacionalizar empiricamente padrões de consistência, tensão e dissociação entre crenças abstratas, julgamentos situacionais e disposições normativas. Nesse sentido, o instrumento funciona menos como um classificatório rígido e mais como uma lente analítica para compreender a complexidade das orientações políticas contemporâneas.

No contexto da amostra analisada, na prática, a tipologia de perfis ideológicos mostra que as pessoas não organizam suas crenças políticas de forma única ou linear. Há indivíduos relativamente estáveis e moderados, outros que pensam de maneira situacional e oscilante, alguns que sustentam posições contraditórias e uma pequena parcela que combina alta coerência com forte intensidade ideológica.

Isso significa que coerência não é sinônimo de moderação, nem extremismo é sinônimo de incoerência. O que predomina na amostra é um mosaico de formas legítimas de pensar política, no qual convicção, ambivalência e contradição coexistem, reforçando que o comportamento político real é mais complexo do que classificações binárias ou espectros simplificados de esquerda e direita, portanto, defender um político ou uma bandeira raramente

é um ato totalmente coerente: os indivíduos tendem a sustentar apoios acompanhados de tensões, ambivalências e contradições em diferentes temas, em outras palavras, podem aceitar fatores negativos em troca de benefícios em outras dimensões que julga mais importante.

Do ponto de vista aplicado, o instrumento pode ser utilizado por educadores, cientistas sociais, comunicadores e formuladores de políticas públicas para enriquecer discussões, diálogos e processos de aprendizagem política, partindo de diagnósticos empíricos sobre como as pessoas realmente organizam, ou desorganizam, suas crenças. Em contextos pedagógicos, a plataforma pode servir como dispositivo de autorreflexão crítica, estimulando os participantes a confrontar suas próprias contradições e ampliar seu repertório argumentativo. No âmbito da pesquisa, possibilita análises comparativas entre grupos, monitoramento longitudinal de coerência ideológica e investigação de como diferentes enquadramentos influenciam respostas políticas.

Reconhecem-se, entretanto, limites importantes deste estudo. A amostra analisada é exploratória e não representativa da população brasileira, o que impede generalizações estatísticas amplas. Além disso, o instrumento privilegia perguntas sensíveis e provocativas, como metodologia de descoberta e ativação do sentido aplicado e prático, diferente de outros mecanismos que buscam conforto em suas indagações. Tal implementação é justamente para verificar os quesitos aqui discutidos.

Pesquisas futuras podem avançar em ao menos quatro direções: (1) aplicação do instrumento em amostras maiores e mais diversificadas, incluindo diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e regiões do país; (2) estudos longitudinais para verificar a estabilidade temporal dos perfis de coerência; (3) comparação entre níveis de sensibilidade do questionário para avaliar diferenças sistemáticas de resposta; e (4) integração do Doutrinômetro com métodos qualitativos, permitindo interpretar mais profundamente os significados subjetivos das contradições identificadas.

Em síntese, o Doutrinômetro se apresenta como uma ferramenta inovadora para investigar a arquitetura interna das crenças políticas, deslocando o foco da simples localização em espectros ideológicos para a análise das tensões, ambivalências e contradições que estruturam o pensamento político contemporâneo. Ao fazê-lo, pretende contribuir tanto para o avanço metodológico das ciências sociais quanto para a promoção de uma cidadania mais reflexiva e consciente de suas próprias complexidades.

REFERÊNCIAS

ACHEN, Christopher H.; BARTELS, Larry M. **Democracy for realists: why elections do not produce responsive government**. Princeton: Princeton University Press, 2016.

ADORNO, Theodor W.; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, Nevitt. **The Authoritarian Personality**. New York: Harper & Brothers, 1950.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BERLIN, Isaiah. **Dois conceitos de liberdade**. In: BERLIN, Isaiah. *Liberdade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 226-248.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinction: Critique sociale du jugement**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

BRUCKNER, Pascal. **A tentação da inocência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BURGER, Axel M. Political ideology and attitudinal ambivalence: investigating the role of ideological extremity. *Social Psychological and Personality Science*, 2024. DOI: 10.1177/19485506231222958.

25

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CALUWAERTS, D.; BERNAERTS, K.; KESBERG, R.; SMETS, L.; SPRUYT, B. Deliberação e polarização: uma revisão multidisciplinar. **Frontiers in Political Science**, v. 5, 2023. DOI: 10.3389/fpos.2023.1127372.

CAMPBELL, Angus; CONVERSE, Philip E.; MILLER, Warren E.; STOKES, Donald E. **The American voter**. New York: John Wiley & Sons, 1960.

CAROTHERS, T.; O'DONOHUE, A. **Democracies divided: the global challenge of political polarization**. Washington: Brookings Institution Press, 2019.

CHOMSKY, Noam. **Media Control: The Spectacular Achievements of Propaganda**. New York: Seven Stories Press, 1997.

CONVERSE, Philip E. The nature of belief systems in mass publics. In: APTER, David E. (org.). **Ideology and Discontent**. New York: Free Press of Glencoe, 1964. p. 206-261.

CONVERSE, Philip E. Of time and partisan stability. **Comparative Political Studies**, Beverly Hills, v. 2, n. 2, p. 139-171, 1969.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DATASENADO. **Panorama Político 2024 - Posicionamento político do brasileiro**. Agência Senado, Brasília, 27 set. 2024. Disponível em: https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/relatorio_online/pesquisa_posicionamento_politico/2024/interativo.html. Acesso em: 18 jan. 2026.

DRUCKMAN, James N. The implications of framing effects for citizen competence. **Political Behavior**, New York, v. 23, n. 3, p. 225-256, 2001.

DRUCKMAN, J. N.; LEVENDUSKY, M. What do we measure when we measure affective polarization? **Public Opinion Quarterly**, v. 83, n. 1, p. 114-122, 2019. DOI: 10.1093/poq/nfz003.

DRYZEK, J. S.; BÄCHTIGER, A.; et al. The crisis of democracy and the science of deliberation. **Science**, v. 363, p. 1144-1146, 2019. DOI: 10.1126/science.aaw2694.

FESTINGER, Leon. **A theory of cognitive dissonance**. Evanston: Row, Peterson, 1957.

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir: Naissance de la prison**. Édition Gallimard, 1975.

FRASER, Nancy. **Justice interruptus: critical reflections on the “postsocialist” condition**. New York: Routledge, 1996.

FREITAS, Robson Almeida Borges de; MORAIS, Márcio Aurélio Carvalho de; SOUSA, Joao Lucas de; MORAIS, Francisco Eduardo Pires de. **Instrument for the assessment of ideological contradictions through a multidimensional questionnaire and digital platform: an integrated approach to social psychology and political science**. **REMUNOM**, v. 2, n. 01, p. 1-33, 2026. DOI: 10.61164/gq8fne89.

26

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Turin: Einaudi, 1975.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAIDT, Jonathan. **The righteous mind: why good people are divided by politics and religion**. New York: Pantheon Books, 2012.

HAYEK, Friedrich A. von. **O caminho da servidão**. Tradução de Anna Maria Capovilla. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HOBBS, Thomas. **Leviathan: Or the Matter, Forme and Power of a Common Wealth Ecclesiasticall and Civil**. London: Andrew Crooke, 1651.

IYENGAR, S.; LELKES, Y.; LEVENDUSKY, M.; MALHOTRA, N.; WESTWOOD, S. J. The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, v. 22, p. 129-146, 2019. DOI: 10.1146/annurev-polisci-051117-073034.

JACOBS, Andrew. **Django for APIs: build web APIs with Python & Django**. 2. ed. Independently published, 2020.

JOHNSON, A. A. Ambivalence, political engagement and context. **Political Studies**, v. 62, n. 3, p. 636–653, 2013. DOI: 10.1111/1467-9248.12063.

KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Economistas)

KINDER, Donald R. Communication and opinion. **Annual Review of Political Science**, Palo Alto, v. 1, p. 167–197, 1998.

LE, An; BROWN, Joshua K.; HOHMAN, Zachary P. Social identity processes predicting post-election 2020 ideological extremism. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 2022. DOI: 10.1111/asap.12331.

LIKERT, Rensis. **A technique for the measurement of attitudes**. Archives of psychology, 1932.

MARX, Karl. **Capital: a critique of political economy**. Vol. 1. Hamburg: Otto Meissner, 1867.

MASON, Lilliana. **Uncivil agreement: how politics became our identity**. Chicago: University of Chicago Press, 2018.

MCCOY, J.; SOMER, M. Toward a theory of pernicious polarization and how it harms democracies: comparative evidence and possible remedies. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 681, p. 234–271, 2019. DOI: 10.1177/0002716218818782.

MILL, John Stuart. **On Liberty**. London: John W. Parker and Son, 1859.

MOUFFE, Chantal. **On the political**. Londres: Routledge, 2007.

MUTZ, D. C. Cross-cutting social networks: testing democratic theory in practice. **American Political Science Review**, v. 96, n. 1, p. 111–126, 2002. DOI: 10.1017/S0003055402004264.

NILSSON, Artur; JOST, John T. Rediscovering Tomkins' polarity theory: humanism, normativism, and the psychological basis of left-right ideological conflict in the U.S. and Sweden. *Political Psychology*, 2023.

NOZICK, Robert. **Anarquia, Estado e Utopia**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009.

PAULHUS, Delroy L. Measurement and control of response bias. In: **Measures of personality and social psychological attitudes**. San Diego: Academic Press, 1984. p. 17–59.

PEW RESEARCH CENTER. **Beyond Red vs. Blue: The Political Typology**. Washington, D.C., 2021. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2021/11/09/beyond-red-vs-blue-the-political-typology-2/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

POLITICAL COMPASS FOUNDATION. **Political compass methodology**. Disponível em: <https://www.politicalcompass.org/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

POPPER, Karl. **The Open Society and Its Enemies**. London: Routledge, 1945.

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCRUTON, Roger. **The Uses of Pessimism: And the Danger of False Hope**. London: Atlantic Books, 2011.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TANSCHKEIT, Talita; BARBOSA, Pedro. A battle of two presidents: Lula vs. Bolsonaro in the Brazilian elections of 2022. *Revista de Ciência Política*, Santiago, v. 43, n. 2, p. 167-191, ago. 2023. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So718-090X2023000200167. DOI: 10.4067/s0718-090x2023005000111. Acesso em: 18 jan. 2026.

TVERSKY, Amos; KAHNEMAN, Daniel. The framing of decisions and the psychology of choice. *Science*, v. 211, n. 4481, p. 453-458, 1981.

VINCENT, William S. **Django for Professionals**. Still River Press, 2022.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. *Science*, Washington, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

ZALLER, John. **The nature and origins of mass opinion**. Cambridge university press, 1992.